



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6148 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 13 - Educação de Jovens e Adultos

EJA E PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE O DIREITO E CONDIÇÕES DE ACESSO

Mariglei Severo Maraschin - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Shirley Bernardes Winter - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

EJA E PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE O DIREITO E CONDIÇÕES DE ACESSO

O objetivo do texto apresentado ao Eixo Educação de Jovens e Adultos na XIII ANPED SUL é refletir sobre a política e o trabalho pedagógico na EJA a partir da análise de um curso de EJA EPT. De posse de dados sobre a situação dos trabalhadores-estudantes na pandemia, fazer reflexões sobre o ensino e estratégias de permanência em cursos de EJA e EJA EPT.

A política de EJA, nos últimos anos, está silenciada. Não há nenhuma proposta promovida pelo Ministério da Educação a não ser o que se observa: fechamento de turmas, aprovação pelo CNE da Resolução nº 3 de 21 de novembro de 2018, permitindo a oferta de até 80% da carga horária da EJA na modalidade a distância e extinção pelo governo Bolsonaro da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), órgão do MEC responsável não somente pela EJA, mas, também, pela Educação no Campo e pela Educação nas Prisões, modalidades igualmente constituídas por jovens e adultos.

Diante do cenário de retrocessos e desmanche da política de EJA, acrescido com a situação da pandemia, buscou-se olhar para uma realidade de modo a fazer apontamentos sobre a política e o trabalho pedagógico na EJA. Assim, parte-se de um estudo da situação de estudantes de um curso de EJA EPT no decorrer da pandemia, para depois organizar reflexões sobre a política e o trabalho pedagógico na EJA.

Entende-se que pensar o pedagógico na modalidade EJA é fundamental, assim como o trabalho dos professores nesse contexto educativo. O pedagógico que, muitas vezes, é negligenciado, negado, questionado, mas que faz notável diferença nas instituições que o reconhecem. Este estudo é construído em um momento histórico único da humanidade, no qual, enfrentam-se os impactos causados pela pandemia da covid 19. E, apesar da inquietação do momento, acredita-se que refletir sobre o ensino e as estratégias de permanência são fundamentais para superar essa crise social e humanitária.

Considera-se importante contextualizar três fatos históricos que motivam a pensar o ensino na educação de jovens e adultos. O primeiro se refere à expansão da educação profissional e tecnológica. Esse crescimento reflete em movimentos de inclusão,

escolarização e profissionalização como um direito de todos. O segundo fato histórico é a implantação da educação de jovens e adultos como decreto na Rede Federal e, por último, o terceiro fato histórico, a pandemia que possivelmente se iniciou na China, em dezembro de 2019, e que se propagou pelo mundo em uma velocidade assustadora, provocando o fechamento de escolas e sugerindo trabalho remoto ou mediado por tecnologias.

Como consequência do atual cenário, passa-se a vivenciar inúmeras dúvidas tais como: como continuar as atividades pedagógicas agora não presenciais, qual o papel do professor e do estudante nesse processo. Além dessas questões peculiares, outras ganham força, pois já vinham sendo analisadas nas políticas públicas – a educação a distância vai prevalecer sobre a presencial? Quais tecnologias podem auxiliar a educação? O que de fato é importante, o conteúdo ou as relações sociais?

Para iniciar essa reflexão, busca-se olhar para uma escola e curso em particular. Os sujeitos da pesquisa foram trabalhadores-estudantes, que cursam um curso técnico integrado ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), em uma instituição federal do Rio Grande do Sul. O curso apresenta três turmas em 2020 e, para realização desta pesquisa, foi feita uma combinação entre produção de dados bibliográficos já disponíveis por meio de livros, sites, documentos e por informações obtidas por meio dos dados produzidos em um formulário elaborado através da ferramenta tecnológica *Google Forms*. Esse formulário foi disponibilizado de forma on-line para todos os sujeitos da pesquisa, no período de 21 a 27 de maio de 2020. Do total de estudantes, 12 não responderam ao questionário por motivos pessoais. O objetivo do questionário foi entender a situação dos estudantes em relação ao distanciamento social e as condições de acesso ao ensino remoto proposto na pandemia. Portanto, foi analisada a rotina dos estudantes na vivência da pandemia em curso, o acompanhamento do curso, benefício das aulas on-line, acesso à internet, dificuldades para acompanhar as disciplinas e contato com os professores.

O primeiro aspecto analisado foi a rotina dos estudantes. Como mostra a figura 1 obtiveram-se 67 respostas; destas, 53 alunos (79,1%) estão saindo de casa somente para trabalhar e para aquisição de produtos essenciais (supermercado, farmácia, alimentação), 13 alunos (19,4%) estão isolados, sem sair de casa, enquanto apenas 1 aluno (1,05%) não está cumprindo o isolamento social.

Figura 1: Rotina dos estudantes



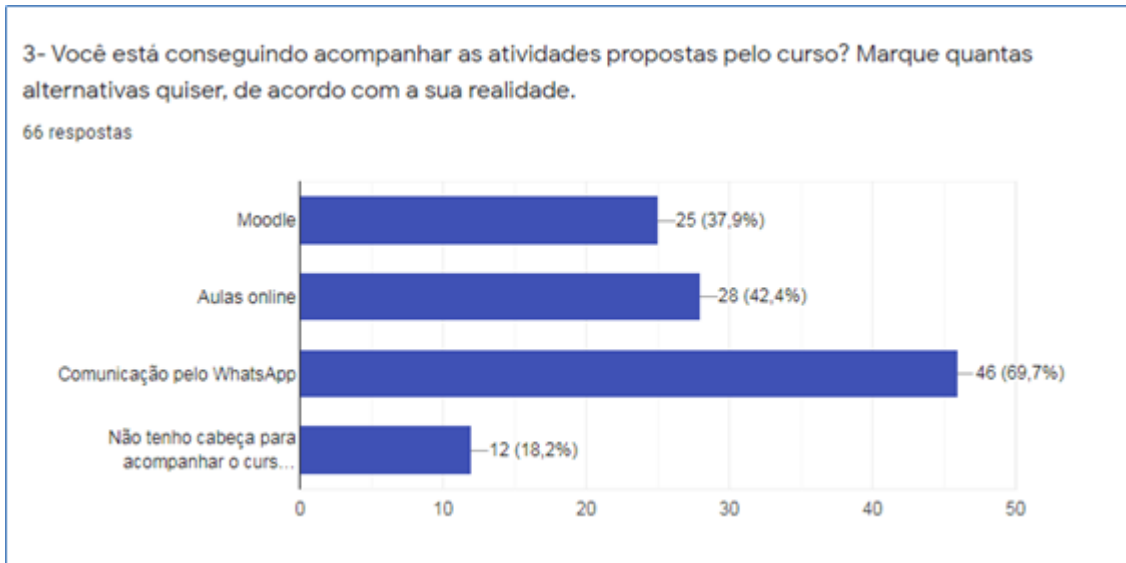
Fonte:

Formulário Google Forms (maio/2020).

A rotina da maioria dos estudantes demonstra que continuam trabalhando, pois essa é uma característica da EJA - trabalhadores-estudantes. O segundo aspecto analisado foi de que maneira os estudantes estão acompanhando o curso. Como mostra a figura 2, obtiveram-se 66

respostas, as quais, 25 alunos (37,9%) estão conseguindo acessar as atividades remotas pela plataforma Moodle, 28 (42,4%) alunos estão conseguindo acompanhar as aulas on-line, que alguns professores estão disponibilizando, 46 (69,7%) alunos estão conseguindo acompanhar as atividades/informações por meio da ferramenta whatsapp, e ainda, 12 (18,2%) alunos sinalizaram que não estão com cabeça para acompanhar o curso no momento. Esse resultado mostra que o celular é o dispositivo mais acessível aos estudantes e que menos da metade tem acesso à plataforma e às aulas on-line, denunciando que o acesso à informação por meio de tecnologias é bastante difícil para essa modalidade. A resposta de 12 alunos que disseram não ter cabeça, neste momento, para acompanhar o curso, revela as inúmeras dificuldades que a pandemia traz para os trabalhadores, professores e gestores. E fica a questão: como o ensino para EJA pode ser a distância se os estudantes têm muitas dificuldades de acesso.

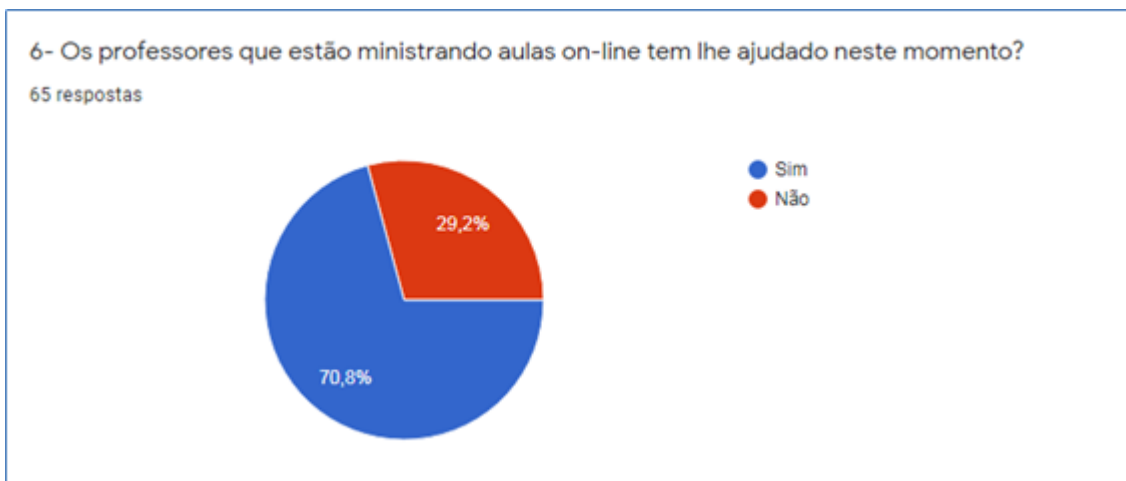
Figura 2: Acompanhamento do curso



Fonte: Formulário Google Forms (2020).

O terceiro aspecto analisado foi se as aulas on-line estão trazendo benefícios aos estudantes. Como mostra a figura 3, obtiveram-se 65 respostas, nas quais, 46 (70,8%) alunos consideram que os professores que estão ministrando aulas on-line têm colaborado nesse momento tão peculiar que a sociedade está passando. Realidade que demonstra a importância do vínculo no processo educativo.

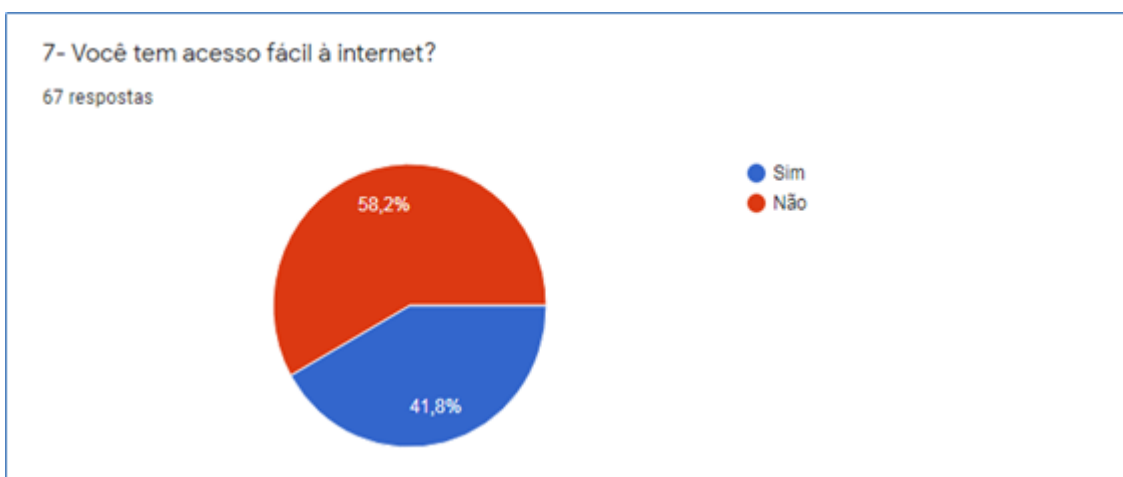
Figura 3: Benefício das aulas on-line



Fonte: Formulário Google Forms (2020).

O quarto ponto diz respeito à facilidade ou não de acesso à internet pelos estudantes. Como mostra a figura 4, das 67 respostas foi observado um dado bem preocupante referente ao acesso dos alunos, pois, 28 (41,8%) alunos têm acesso fácil à internet, porém, 39 (58,2%) alunos não têm acesso fácil à internet. Aqui se apresenta um dado alarmante, pois estratégias precisam ser criadas visando à permanência desses trabalhadores-estudantes que têm difícil acesso à internet.

Figura 4: Acesso à internet



Fonte: Formulário Google Forms (2020).

O quinto aspecto analisado foi em relação a possíveis dificuldades pedagógicas que os estudantes apresentam ao acompanhar as disciplinas. Como mostra a figura 5, obtiveram-se 65 respostas, nas quais, 15 (23,1%) alunos não estão tendo dificuldades em realizar as atividades propostas pelos componentes curriculares, pois alguns professores estão desenvolvendo o trabalho de forma remota, solucionando dúvidas e disponibilizando aulas on-line, enquanto 50 (76,9%) alunos alegaram estar tendo dificuldades com outros professores principalmente pela metodologia inadequada adotada no período de Pandemia, pois alguns professores disponibilizaram toda a matéria da disciplina no ambiente virtual sem nenhuma explicação, e seguiram mantendo um ritmo excessivo de atividades.

Figura 5: Dificuldades para acompanhar as disciplinas



Fonte: Formulário Google Forms (2020).

O sexto e último aspecto analisado refere-se ao contato com os professores. Como mostra a figura 6 das 67 respostas, nas quais, 45 (67,2%) alunos ficam à vontade para fazer perguntas aos professores, enquanto 22 (32,8%) alunos não se sentem à vontade para fazê-las.

Figura 6: Contato com os professores



Fonte: Formulário Google Forms (2020).

Após a análise desses dados da situação atual dos estudantes da EJA EPT, passa-se ao segundo tópico deste texto, que é fazer reflexões sobre a política de EJA EPT e sobre o trabalho pedagógico na EJA EPT. O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) é um programa significativo que implica a articulação entre três setores importantes, os quais, lamentavelmente, não vêm conseguindo conversar entre si. Por não acontecer esse diálogo, estabelece-se uma realidade preocupante comprometendo a Educação Profissional, a Educação Básica e a Educação de Jovens e Adultos em uma articulação superficial, quase sempre desarticulada, como destacam alguns autores (FRIGOTTO, CIAVATTA E RAMOS, 2005).

O PROEJA busca unir crescimento da escolaridade com formação profissional, fomentando alternativas para o mundo do trabalho. Analisando a história da EJA, o PROEJA é uma conquista, pois é consequência de uma luta que perpassa todo o país por meio dos fóruns de EJA e das organizações sociais (MARASCHIN, 2015). O PROEJA prevê, na origem, a preparação de todos os cidadãos para o mundo do trabalho, posto isso, além de receber formação para uma maior empregabilidade, o estudante desse Programa adquire conhecimentos suficientes para uma gestão autônoma e empreendedora, não somente sobre os bens econômicos externos, como também para a própria família e para a vida pessoal (BRASIL, 2009). Vale ressaltar o que Manfredi (2002, p. 60) defende: “A Educação Profissional é um campo de disputa e de negociação entre os diferentes segmentos e grupos que compõem uma sociedade, desvelando a dimensão histórico-política das reformas de ensino, das concepções, dos projetos e das práticas formativas.”

Acredita-se que a política de EJA EPT, apesar de, no momento, não ter o fomento do MEC, vem acontecendo em muitas instituições federais, como a que se apresentaram dados sobre os estudantes acima. Entende-se que aspecto pedagógico é o grande desafio desta política, que se reforça neste momento de pandemia:

Entende-se que pedagógico é, via de regra, uma decorrência de Pedagogia. Assim, cabe esclarecer também o entendimento de Pedagogia para continuidade da argumentação. Em todo o lugar onde houver convivência e interação entre sujeitos, estão sendo elaborados saberes. Entretanto, historicamente, coube à escola ser o lugar onde esses saberes, socializados e em interação, na mediação pedagógica em que se configura a aula, produzem-se como conhecimento. Nessa perspectiva, a Pedagogia é uma forma de compreender a educação para além das paredes do prédio escolar, e o aprender é um processo que acontece sob a forma de relações em espaços diferentes, nos quais o sujeito estabelece conexões entre sua subjetividade e o ambiente, produzindo, assim, conhecimentos com base nesses saberes. A Pedagogia, portanto, não é somente uma possibilidade de reflexão acerca do processo educativo nas suas dimensões sociais, históricas, filosóficas e instrumentais. Ademais, não é um método, porque vai além dele, contextualizando-o e teorizando-o (FERREIRA, 2018, p. 13)

As escolas são essencialmente pedagógicas, e as escolas profissionais fundamentalmente por relacionarem trabalho e educação, são pedagógicas. Porém, percebe-se na EPT certa dificuldade em relacionar teoria com a prática pedagógica, principalmente, pela formação dos profissionais que atuam como professores vindo de áreas de engenharias com uma formação tecnicista, trazendo na bagagem uma carência de formação pedagógica. Em tempos de isolamento social, observa-se uma insuficiência de formação continuada de professores, que deveria ser intrínseca ao processo de construção do ser professor de EPT. Essa insuficiência certamente atrapalhará as estratégias de permanência dos trabalhadores-estudantes nos cursos de EJA e EJA EPT.

Outro fator determinante que impacta diretamente no sucesso das estratégias de permanência é a participação da gestão. Fala-se da gestão administrativa, política e pedagógica, porém, na prática, a gestão pedagógica é negligenciada, talvez por falta de entendimento do processo educativo. Nesse sentido, enfatiza-se que, para valorização do pedagógico, é necessário que estudantes professores e a gestão estejam engajados, realizando um trabalho integrado entre todas as áreas que fazem parte de uma instituição de EPT. Considera-se que tanto as políticas de EPT como o trabalho pedagógico organizam-se em um contexto de dialética das disputas: expressam “a oposição e luta entre concepções e sentidos diferentes de trabalho pedagógico e disputas relativas ao lugar das políticas para os trabalhadores” (MARASCHIN, 2015, p. 71)

Como foi exibido no decorrer deste texto, a negligência ao pedagógico acontece por meio de várias questões que não consideram o cuidado com questões significativas que possibilitam a permanência e a aprendizagem do trabalhador-estudante. E, no caso da pandemia em curso, as escolas que negam o pedagógico terão dificuldades de permanecer, pois será preciso ter clara a função da escola, do ensino, da aprendizagem, da relação professores e estudantes. Assim, observa-se a importância de se investir em trabalho pedagógico na Educação Profissional, “investir no trabalho dos professores, um trabalho coletivo que se efetiva na práxis das políticas, na realidade, e que gera ações, relações e transformações nas instituições e, por consequência, promove transformações nos sujeitos” (MARASCHIN, 2015, p. 284).

Além disso, investir em trabalho pedagógico é condição necessária para a efetivação, consolidação e transformação do programa em política contínua. Isso significa que os sentidos críticos do trabalho e da tecnologia devem ser compreendidos e que o trabalho pedagógico dos cursos está a serviço da classe trabalhadora e transforma os estudantes em “reivindicantes da educação” (MARASCHIN, 2019, p. 290)

Sendo assim, o trabalho pedagógico envolve todo o contexto da EPT: da aula ao PPP e vice-versa. E considera-se que o trabalho pedagógico é trabalho (PARO, 2008, MARASCHIN, 2015; FERREIRA, 2018). “Trabalho é uma manifestação humana, à medida que põe o humano em movimento, de modo planejado e sistemático e, ao fazê-lo, produz historicidade e constitui-se esse humano, distinguindo-o dos demais seres vivos”

(FERREIRA, 2018, p. 595). Portanto, ao investigar o conceito de trabalho pedagógico, é de Marx e da concepção de trabalho que se parte. Considerando a essência humana para o trabalho, o autor estabelece objetivos, fundamentados em valores e busca a concretização, sempre considerando a característica histórica e social do ser humano e a relação com a natureza (PARO, 2008).

Nota-se que, tanto o professor quanto o estudante têm bastante dificuldade em viver o processo de aprendizado, o aprendizado que não se restringe a decorar o conteúdo, o aplicar uma prova, o definir apto, não apto. E esse é o principal problema da educação atualmente, é o professor que “transmite” conteúdos e os estudantes que copiam e devolvem o que lhes foi passado. Não considerar o estudante no aprendizado e não ser capaz de desenvolver pesquisa em prol das necessidades da sociedade vêm construindo um grande abismo na escola. O aprendizado, para fazer sentido, deve partir de problemas reais enfrentados pela sociedade. Nestes novos tempos, fortalece-se cada vez mais a necessidade de novos saberes e novas práticas de aprendizado, tanto para os estudantes quanto para os professores. Estratégias precisam ser articuladas para driblar os fatores socioeconômicos, a falta de acesso aos meios tecnológicos e garantir a permanência no curso.

O trabalhador-estudante, principalmente da EJA, tem alguns saberes anteriores e deve ser considerado como sujeito de aprendizado, tendo a possibilidade de construir conhecimentos tanto com o professor quanto no convívio social. Como então, envolve-se o estudante com o aprendizado? Considera-se fundamental esse questionamento, visto que, muitas vezes, o professor reproduz a aula de outra modalidade aos estudantes da EJA e o processo constitui-se com inúmeros problemas. Na vivência da pandemia: houve professores que disseram que não seria possível fazer um ensino de EPT remotamente e houve professores que colocaram todo o conteúdo à disposição do estudante, sem nenhuma estratégia de aprendizagem. Em ambos os casos, não há consideração de quem são os estudantes, como eles podem aprender e de como fazer para que determinado estudante aprenda sem a mediação presencial de um professor.

Portanto, a pandemia amplia os problemas da EJA, denuncia a falta de acesso às tecnologias. E, por se tratar de um momento de privação do convívio social, os estudantes destacaram na pesquisa a importância de manter o vínculo com os professores. Por isso, uma boa estratégia é estreitar laços, manter um contato contínuo com os estudantes, a maioria não tem acesso fácil à internet, então, uma boa estratégia para garantir a permanência passa ser a disponibilização do material referente ao conteúdo das disciplinas de forma impressa. Outro resultado bem importante foi sobre o entendimento referente aos conteúdos propostos, é necessária uma estratégia que exija maior criatividade por parte dos professores, é fato, que o momento é de se reinventar. Se as práticas pedagógicas correntes não estão trazendo resultados positivos é hora de mudá-las, adequá-las à realidade atual. Recordando Freire (1996, p. 25) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

PALAVRAS-CHAVE: EJA EPT. Pandemia. Trabalho Pedagógico. Políticas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. SETEC. Educação Profissional Técnica de Nível Médio integrada ao Ensino Médio. **Documento Base. Brasília, 2007.**

- BRASIL. Ministério da Educação. **Documento Base PROEJA**– Ensino Médio. Brasília: MEC, 2009.
- FERREIRA, Liliana Soares. **Trabalho Pedagógico na Escola: do que se fala?** Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 591-608, abr./jun. 2018.
- FLICK, U. (2009). **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia Moderna**. Tradução Newton Ramos de Oliveira. 2 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010
- MANFREDI, S. M.. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARASCHIN, Mariglei Severo. **Dialética das Disputas: trabalho pedagógico a serviço da classe trabalhadora. 2015**. Tese (Doutorado em Educação), Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- _____. **Trabalho Pedagógico na Educação Profissional: o PROEJA entre disputas, políticas e experiências**. Curitiba: Appris, 2019.
- PARO. Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Editora Ática, 3. Ed, 2008.
- _____. **Diretor escolar: educador ou gerente?** São Paulo: Cortez, 2015. _____. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. São Paulo: Cortez, 2010.